



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI – UNIVATES  
CURSO DE PEDAGOGIA

**LITERATURA INFANTIL PARA BEBÊS: AS POSSIBILIDADES DO  
ERA UMA VEZ**

Suelen dos Passos

Lajeado, junho de 2018.

Suelen dos Passos

## **LITERATURA INFANTIL PARA BEBÊS: AS POSSIBILIDADES DO ERA UMA VEZ**

Trabalho de Monografia apresentado na disciplina Trabalho de conclusão Curso II, do Curso de Pedagogia, da Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES, como exigência parcial para a obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

**Orientadora:** Profa. Dra. Cláudia Inês Horn

Lajeado, Junho de 2018.

## **AGRADECIMENTOS**

Chegando ao final dessa caminhada quero agradecer primeiramente a Deus, por guiar meus passos e nunca me deixar desistir. Obrigada Senhor, por ter colocado pessoas maravilhosas no meu caminho.

Aos meus pais, Damir Luiz dos Passos e Maristela dos Passos, por sempre terem me incentivado a estudar e seguiram apoiando minhas decisões em todos os momentos. Eu devo tudo o que sou a vocês e se cheguei até aqui é porque vocês vieram segurando a minha mão e me erguendo quando ameacei cair.

Minhas amigas de trabalho, que sempre souberam me ouvir, me aconselhar e até me xingar se necessário. É lindo poder compartilhar meus sonhos com vocês!

Aos mestres, pelos ensinamentos, sabedoria e dedicação, vocês foram fundamentais na minha história. Especialmente minha professora orientadora Cláudia Inês Horn, por não medir esforços para me auxiliar, obrigada pelos ensinamentos e inspirações que me motivaram a procurar sempre o correto. Faltam-me palavras para agradecer o quão especial foi para mim a professora Mariane Olwailer, que iniciou comigo o Trabalho de Conclusão e fez parte da minha conquista. Ainda destaco como fundamental para meu trabalho minha avaliadora Rosiene Haetinger, que leu com cuidado e dedicação minha pesquisa, sempre engrandecendo a escrita.

Aos meus amigos que sabem o quanto me dediquei nesta caminhada e entenderam minha ausência por um tempo. Agradeço especialmente minha parceira e vizinha Bárbara Cuciulli que soube exatamente o que falar quando eu precisava ouvir alguém.

Aos meus colegas e amigas nesses anos de faculdade, em especial à Camila Bagio, Jéssica Patrícia Ribeiro e Pauline Dahmer, uma amizade que se iniciou no primeiro semestre e que ainda se fortalece. Obrigada pelos abraços nos momentos difíceis, e vocês sabem que não foram poucos, pelos conselhos, risadas, por tudo.

Sonhei com essa conquista e precisei de cada empurrão dado para chegar até aqui, dedico minha vitória, o sonho realizado a cada uma dessas pessoas.

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo investigar como a Literatura Infantil é trabalhada com bebês, envolvendo crianças da faixa etária de 1 e 2 anos de idade de uma Escola Municipal de Educação Infantil do município de Encantado. A pesquisa teve como intenção entender o desejo e o interesse das crianças pela Literatura Infantil, além de observar as estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores para levar a literatura à sala de aula. A metodologia de abordagem qualitativa envolve pesquisa de campo com o intuito de observar como a literatura é trabalhada na Escola Municipal de Educação Infantil, com duas turmas de bebês. Utiliza-se as observações de aulas de cinco dias consecutivos, diário de campo e entrevista com as pedagogas atuantes nas turmas de crianças investigadas. A análise dos dados produzidos ao longo da pesquisa empírica mostra que nas turmas em questão o livro está presente e a literatura é trabalhada com frequência com os bebês e o interesse dos mesmos continua a crescer. A literatura está viva na sala de aula também em função das diversas formas que as pedagogas apresentam os livros aos bebês. Por fim, é possível concluir que a literatura permanece ativa quando as educadoras possibilitam e diversificam a contação de histórias e ofertam livros as crianças, mesmo com desenhos, história escutada, inventada. Basta oportunidade e disposição, imaginação fica a cargo de cada criança, que sorri olhando o livro, grita durante as falas das professoras, se empolgam a cada página virada.

**Palavras chave:** Literatura. Bebês. Livros.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	6
2	HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL: BREVES CONSIDERAÇÕES .....	10
3	CAMINHOS METODOLÓGICOS .....	16
4	A CRIANÇA E A LITERATURA INFANTIL .....	24
5	A IMAGINAÇÃO E OS BEBÊS .....	32
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	39
	REFERÊNCIAS .....	42
	APÊNDICES .....	Erro! Indicador não definido.

## 1 INTRODUÇÃO

Naquela sala fria, apesar de ser um dia de verão escaldante no porão de um prédio da escola, iniciou-se uma jornada em meio a grandes prateleiras empoeiradas e entre milhares de páginas. Páginas novas, páginas velhas, páginas em branco, páginas coloridas. E diante daquela mesa próxima a um armário enorme de madeira envelhecida um suspense à primeira vista, porque tudo ao redor era diferente e eu tentava localizar-me naquela bagunça encantadora que despertava a curiosidade pelo que estava por vir.

Inicialmente, a graça de vivenciar aquele ambiente foi individual, permitiu-me sentir o lugar, tocar nos objetos ali dispostos, abrir as portas do armário e mover vagorosamente as almofadas do lugar. Enchi meus olhos vendo páginas imensas e coloridas, tocando em tecido escrito e lendo algumas poesias.

Olhei aquele espaço enorme e senti que eu fazia parte dele. Entendi aos poucos que as histórias estão em livros, mas não só em livros, estão em CD, estão na parede, estão no teto e estão nas palavras, estão enfim onde eu permito que estejam.

A partir desse novo espaço onde passei a atuar, a biblioteca, entrei em contato com aquelas inúmeras criaturas pequeninas e assim os livros passaram a fazer parte da minha rotina, da minha vida. As crianças liam para mim, eu lia para elas, a cada novo dia uma nova viagem ao mundo da imaginação.

Foi dentro de uma biblioteca que começou meu interesse pela literatura infantil e também dentro dela descobri que a imaginação pode tomar conta do momento, que foi o que acabou acontecendo no meu trabalho: a biblioteca

passou a tomar conta de mim diariamente. A imaginação intensificou-se e as possibilidades aumentaram, as vivências engrandeceram-me e o gosto pela literatura ainda se alastra.

Assim, em 2015 começou meu trabalho e meu envolvimento na biblioteca de uma escola situada em Encantado/RS. Percebi ao longo de um ano ali na biblioteca que a minha responsabilidade era imensa diante daquelas turmas de alunos que eu atendia semanalmente para realizar a hora do conto: olhares fixos em minha direção, toques carinhosos sobre minhas mãos e assim aos poucos, sentiram que estava criando-se um vínculo.

Já fui Emília, já fui bruxa, já fiquei escondida, já me mostrei por inteiro, já me agachei e já me permiti tudo o que conseguia para tornar a história o mais real possível. Aliás, eu lembro perfeitamente do dia do Livro Infantil na escola onde eu trabalhava dia do Monteiro Lobato. Na minha frente uma roupa vermelha e amarela, meias coloridas e uma peruca de pano, naquele dia compreendi o que era entrar no personagem.

Emília e eu passamos o dia sendo uma só, alegrando nosso público e cativando os sentimentos das crianças pela boneca da história do livro que agora estava ali. O Sítio do Picapau Amarelo foi à primeira lembrança que me veio à mente, minha infância recordada naquela personagem que deixava uma marca no público que me assistia. Ali passei muito tempo entretendo os pequenos.

Quando passei a trabalhar com a turma de crianças menores, em outra escola e com outra realidade, compreendi que os livros iriam continuar ao meu lado, porque na escola de educação infantil onde passei a atuar, lá estavam eles novamente dispostos em um balcão de mármore nem um pouco convidativo. Entretanto eles cativavam a minha atenção, embora estivessem um pouco sujos, um tanto jogados, amassados, mas com grande curiosidade por parte das crianças em tocá-los e pegá-los.

A partir dessas experiências surgiu a curiosidade de investigar como as crianças da faixa etária de 1 e 2 anos desenvolvem sua imaginação através da literatura e a importância sua para essas crianças. Agora, atuando como monitora da turma de Berçário, a curiosidade levou-me a começar uma pesquisa para compreender o interesse das crianças pequenas por um artefato em particular: o livro infantil.



Para Coelho (1984), a importância da literatura infantil em tempos de crise de cultura está cumprindo sua tarefa de alegrar, divertir e emocionar os pequenos leitores, além de levá-los de maneira lúdica a perceberem e interrogarem a si e ao mundo ao seu redor, orientando seus interesses e necessidade de autoafirmação ao propor-lhes objetivos e ideais de participação social. Dessa maneira, entendo que todo universo da literatura infantil estabelece uma ligação entre o professor e seus alunos, gerando a aprendizagem de ambos. Até porque a leitura permite a essa dupla voar, voar muito alto e além das páginas de um livro.

Portanto, o tema principal deste trabalho foi à literatura infantil. E o projeto teve como problema de pesquisa a pergunta: de que forma os professores de uma turma de crianças de 1 e 2 anos trabalham a literatura em sala de aula?

O objetivo geral foi investigar como a literatura infantil é trabalhada no Berçário, envolvendo crianças da faixa etária de 1 e 2 anos de idade. Como objetivos específicos, destaco:

- Entender o desejo e o interesse das crianças pela literatura Infantil;
- Observar as estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores para levar a literatura à sala de aula.

Houve diversas situações que me fizeram pensar em fazer meu Trabalho de Conclusão de Curso voltado a literatura. Uma das motivações para o desenvolvimento do estudo surgiu a partir de algumas disciplinas realizadas no curso de Pedagogia como Ateliê Literário I e II e Espaços e Organização da Educação Infantil. Elas abordavam estudos sobre a literatura infantil e um dos assuntos eram os clássicos, bem como as maneiras de que os professores se valem para cativar os alunos com os livros e com a leitura.

O interesse intensificou-se com o trabalho que realizei em uma escola como bibliotecária e responsável pela contação de histórias para crianças de dois a treze anos. Através dessa participação no dia a dia dos alunos com os livros interessei-me ainda mais pela temática.

Ainda, atuo na área da educação há aproximadamente sete anos. Trabalhei em escolas públicas, particulares, de anos iniciais e finais do ensino

fundamental e de educação infantil e nesse período venho observando como a literatura é explorada pelos professores e pelos alunos. Atualmente, onde trabalho não há uma biblioteca adequada, porém os alunos gostam muito dos livros dispostos e a maneira como são contados pelas professoras.

Dando seguimento a pesquisa, no próximo capítulo listarei algumas ideias sobre a história da Literatura Infantil, para este estudo apoiei-me em autores como (Coelho, 2000) e (Romano, 2010). Seguindo a pesquisa, no segundo capítulo intitulado Caminhos metodológicos, enfatizo como os dados da pesquisa foram produzidos e elenco informações retiradas da pesquisa. No terceiro capítulo nomeado A imaginação e os bebês, abordo uma discussão breve sobre a concepção de infância, além de buscar entender como é o mundo da imaginação para os bebês. E por fim, apresento algumas considerações finais de modo que eu possa contribuir para a educação e ainda pensar na Literatura na escola desde os primeiros meses de vida da criança.

## **2 HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL: BREVES CONSIDERAÇÕES**

Este capítulo elenca algumas ideias sobre a literatura infantil desde seu início no século XVII. Para tanto, utilizei como base o estudo de autores como Coelho (2000) e Romano (2010) para descrever as principais informações sobre este marco.

Para Coelho (2000), o impulso para ler, observar e compreender o espaço habitado, assim como os seres e coisas com que se relaciona, é condição básica para o ser humano. Desde que a capacidade dos homens permitiu condições para organizar as situações vivenciadas diariamente, a humanidade viu-se impulsionada a deixar registrado em um material com durabilidade. Com descobertas arqueológicas que datam de 12 a 15 mil anos atrás encontrara-se evidências de que o homem já mostrava desejo de perpetuar, de alguma forma (realista ou alegórica), as experiências de vida (COELHO, 2000).

A arte rupestre foi identificada como um dos primeiros registros de narrativa humana. Pouco a pouco a arte de narrar ganhou novos contornos, dentre os quais podemos destacar as histórias orais, que já simbolizavam, de alguma forma, a literatura. Sobre esses fatos pode-se dizer que:

[...] ao estudarmos a história das culturas e o modo pelo qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi o seu principal veículo. Literatura oral ou literatura escrita foram as principais formas pelas quais recebemos a herança da tradição que nos cabe transformar, tal quais outros o fizeram, antes de nós, com os valores herdados e por sua vez renovados (COELHO, 2000, p. 16).

Desde a década de 1970 e 1980 as experiências e propostas de reformas na educação multiplicam-se, principalmente no âmbito da Língua e da Literatura, em especial na área da literatura infantil (COELHO, 2000). O mesmo autor ainda se vale da expressão “literatura infantil”, que aparece de imediato com uma ideia de livros bonitos e coloridos, propostos ao prazer e à distração de crianças que os leem. Seguindo a mesma linha de pensamento, ainda é possível afirmar:

[...] que até bem pouco, em nosso século, a literatura infantil fosse encarrada pela crítica como um gênero secundário, e fosse vista pelo adulto como algo pueril (nivelada ao brinquedo) ou útil (nivelada a aprendizagem ou meio para manter a criança entretida e quieta) (COELHO, 2000, p. 30).

Dentre as artes, a literatura é a mais expressiva pela sua amplitude de recursos. Ela não só dá permanência ao ato de viver como concretiza uma matéria formalizada e também diferencia o ser humano dos demais seres: a palavra, a linguagem criadora. (COELHO, 1984)

A literatura possibilita ao homem o poder de expressar-se em meio à sociedade, expor seus sentimentos e seus desejos, dá poder para tornar sua cultura social visível. A palavra escrita pode revelar o “eu” do homem, transparecer de tempos em tempos o que pensa o ser humano.

A literatura é um fenômeno de criatividade que descreve o homem, o mundo, a vida diante da palavra, entrelaça sonhos e a vida prática, o imaginário e o existente, os ideais e sua possível/impossível reprodução. (COELHO, 2000). Desde sua origem, a literatura mostra-se ligada a uma função principal: atuar sobre as mentes que determinam os desejos e ações, expandindo emoções, pois no encontro com a literatura o homem pode enriquecer sua experiência de vida (COELHO, 2000).

Nesse sentido, Coelho defende que:

[...] é ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação de consciência de mundo das crianças e dos jovens. Apesar de todos os prognósticos pessimistas, e até apocalípticos, acerca do futuro do livro (ou melhor, da literatura), nesta nossa era de imagem e comunicação instantânea, a verdade é

que a literatura escrita está mais viva do que nunca (COELHO, 2000, p. 15).

Ainda para o autor supracitado a literatura é uma linguagem que expressa determinadas experiências. Ela foi compreendida em cada época de um modo diferenciado e conhecer esse “modo” é conhecer a especificidade de cada momento da caminhada da humanidade durante sua evolução.

Pensando nas décadas mais recentes é fácil perceber as mudanças no contexto da literatura Infantil, de um modo ou de outro a leitura faz-se cada vez mais presente, seja no celular, jornal, revistas, panfletos. O homem tem lido, mas de modos diferentes percebi esta maneira inovadora de utilizar tecnologias avançadas até mesmo nas professoras que atuam com crianças menores, estas fazem uso da internet e a utilizam como uma ferramenta de ensino.

A literatura faz parte das etapas de desenvolvimento das crianças desde o conto que, por menor que seja, propõe uma indagação ou mesmo uma brincadeira em que são utilizados versos, rimas, poesias. A educação infantil tem papel essencial no início da alfabetização e aprendizagem e é através dela que a criança fica frente ao ato de ler e entender o mundo literário.

A criação literária sempre será tão complexa quanto à própria condição do homem. Em época de transformações organizadas, a noção de literatura que predomina entre os estudiosos de diversas áreas de conhecimento é a de distingui-la como um dinâmico processo de produção/recepção que se converte a favor de intervenção sociológica, ética ou política (COELHO, 2000)

Romano (2010) fala sobre a preocupação de Lobato com as fábulas presentes em sua obra *Reinações* assim como da obra *Fábulas* que, por sua vez, fazem jus à sua intenção de contribuir na formação de leitores a partir dos textos que fazem pensar e que não são apenas moralizantes, porque Lobato tinha um olhar crítico.

Na mesma década de Lobato surgem nomes de respeito como Ziraldo, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Lygia Bojunga Nunes, João Carlos Marinho e outros que produzem até hoje, mas o nome de Lobato e suas obras parecem ser mais recuperados pela TV, que inaugura uma nova série sobre a turma do Pica-pau Amarelo na década de 80 e outra agora, nos primeiros anos do século XXI (ROMANO, 2010). Além de Lobato, outros autores tiveram destaque na

literatura infantil. Santos e Oliveira (2012, online) coloca em destaque nomes da literatura que foram essenciais no processo ao afirmar que:

[...] alguns autores do século XIX e XX contribuíram para a efetivação do ensino no Brasil. A começar por Antônio Marques Rodrigues, o primeiro livro brasileiro de grande repercussão na área da educação foi O Livro do Povo (1861). Marques Rodrigues foi um escritor que se preocupou com a Educação Infantil e com o ensino primário e tentou satisfazer algumas necessidades deste. Também distribuía seus pequenos livros gratuitamente pelas escolas do Norte e Nordeste brasileiro (SANTOS; OLIVEIRA, 2012, online).

Segundo Coelho (2000) é a partir da transformação iniciada em meados do século XX que é possível observar a literatura infantil como um agente ideal para formação de uma nova mentalidade. Por isso, pode-se afirmar que a valorização dessa classe de literatura com alcance na formação de mentes infantis e juvenis, assim como na vida cultural da sociedade é uma conquista nova.

Além disso, sabe-se que a criança desenvolve seu processo de humanização através de condições que as propiciam a aprender. Sobre essa afirmação, Romano (2010, p. 213) defende que:

[...] depois de Lobato, apenas as décadas de 70 e 80, com os escritores conhecidos como “Filhos de Lobato”, trouxeram para a sala de aula inovação e preocupação com uma literatura que despertasse a criança para a análise do mundo, já que as décadas pós-lobato foram fortemente influenciadas pela ditadura, sofreram limitações em todos os sentidos e a literatura infantil, com raras exceções, se voltou, mais uma vez, para a moralização e normas de comportamento. Somente por volta da metade da década de 70 é que os textos começam a questionar a realidade e os valores sobre os quais se assentava a sociedade e a nova literatura infantil passa a ser dirigida pela criatividade, pela experimentação linguística e pela consciência crítica, trabalho que primeiro tinha sido feito por Lobato em suas obras (ROMANO, 2010, p. 213).

Ainda é possível encontrar Lobato presente nas escolas atuais, seja através de personagens, seja nos livros, principalmente quando se comemora o dia do livro infantil na escola, visto que as instituições de ensino ocupam um espaço significativo na rotina de crianças e jovens. Um exemplo do valor da literatura no cenário escolar contemporâneo são as Feiras de Livros. Nas Feiras há milhares de livros à disposição, horas do conto para os pequenos,

personagens dos livros circulando, tudo para cativar e incentivar a leitura aos que estão ali presentes.

Sobre os professores, Lobato critica a ausência de competência pedagógica. O leitor fica sabendo através do personagem Pedrinho que explicações dadas aos alunos não esclarecem tudo e que aulas são maçantes. Dona Benta, Tia Nastácia, O Visconde de Sabugosa ou o Rinoceronte Quindim preenchem o vazio que a escola deixou no aprendizado das crianças.

Silva (2008) afirma que Tales de Andrade e Viriato Correia são os pioneiros da ficção para crianças. Tales de Andrade é autor da obra *Saudade*, de 1919). Ele, assim como Cazuzza, autor da obra *Coração*, falam bastante sobre a vida escolar dos protagonistas.

Falar do livro para crianças, é falar também nos adultos que estão entre a criança e o livro. O adulto é o que pensa e cria a ilustração e o texto para a criança. Há o adulto que produz e o que divulga e há ainda o professor, mais próximo da criança, que apresenta o livro e insere ou não a atividade na sua vida (SERRA, 1998).

O mesmo autor também diz que não é suficiente mudar métodos, abordagens e temas a serem trabalhados na escola, não é uma questão de treinar professores, mas sim de valorizar o texto e os livros como ponto de partida, além de dar condições para tal. Com Lobato, segundo Serra (1998) as crianças leitoras passaram a ter consciência crítica e conhecimento de problemas reais do país e da humanidade. Ele rompe com a moral tradicional e prega uma verdade individual. Assim ele estabelece a liberdade e pensando por si própria a criança vê num mundo sem distinção entre realidade e fantasia que ela pode ser agente de transformação. O autor ainda salienta que:

Monteiro Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e capacidade de compreensão. Seus textos estão cheios de citações e de alusões que remetem a outros personagens, a outras épocas históricas e seus protagonistas. Ele foi um autor engajado, comprometido com os problemas de seu tempo. Tinha um projeto definido: influir na formação de um Brasil melhor através das crianças. A partir dele, no Brasil, a literatura infantil perde uma das suas principais características, a de ser um instrumento de dominação do adulto e de uma classe, modelo de estruturas que devem ser reproduzidas (SERRA, 1998, p. 16).

Nas obras de Lobato, por exemplo não há ambientes escolares descritos. Longe da escola, de professores autoritários, de alunos, de disputas nos recreios e relatos de castigo as aventuras do autor acontecem em ambientes menos formais, como é o caso do Sítio do Picapau Amarelo e no tempo de férias (SILVA, 2008).

Em suma, pode-se dizer que alguns acontecimentos vieram a acarretar transformações engrandecedoras na maneira que a literatura infantil impactou a vida das crianças. Aliás, no universo da criança a literatura infantil é uma grande conquista que criou e continua criando possibilidades tanto para os pequenos e para os adultos.



### **3 CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Esta pesquisa teve como intuito compreender a literatura para bebês na Educação Infantil e encontrar significado para as inquietações que tenho correlação à área em que atuo concomitantemente ao momento de realização desta pesquisa. Para cumprir com o propósito da pesquisa, pesquisei como a literatura se faz presente e é explorada no cotidiano das crianças de duas turmas de Berçário com idades de 1 e 2 anos de uma Escola Municipal. Devido a isso, no decorrer do trabalho utilizarei os termos Berçário I para primeira turma observada e Berçário II para a segunda turma observada.

Para tanto, utilizei a pesquisa qualitativa que, de acordo com Bento (2012), foca num modelo fenomenológico, no qual a realidade é aprofundada nas percepções dos sujeitos; o objetivo desse tipo de pesquisa é compreender e obter significados através de narrativas verbais e de observações ao invés de números. A investigação qualitativa normalmente acontece diante de situações naturais, tendo dois contrastes com a investigação quantitativa que exige controle e manipulação de comportamentos e espaços.

Além disso, durante a pesquisa compreendi a importância do uso desta investigação e pude entender experiências individuais das pedagogas entrevistadas. Ainda, é importante salientar que elas tiveram total liberdade de expor seus pontos de vista sobre o assunto relacionado ao projeto de pesquisa.

Segundo Negrine (2010), a base da investigação qualitativa direciona-se à descrição, análise e interpretação das informações colhidas no processo de investigação, tentando entendê-las de forma contextualizada. Essa classe de pesquisa também responde a questões mais particulares, trabalhando com

inúmeros significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, e isso refere-se a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, sendo que eles não podem ser quantificados (MINAYO, 2010).

Na contemporaneidade há um consenso muito grande acerca do que é a investigação qualitativa. Para vários autores, suas características são bem abrangentes, destacando-se: a) acontece em ambientes naturais; b) usa múltiplos métodos de recolhimento de dados que são interativos e humanistas; c) surge do processo de investigação em vez de ser pré-estabelecida; (BENTO, 2012)

Os meios que utilizei para a geração de dados são: realização de observações na turma de crianças de 1 e 2 anos, entrevistas com as duas pedagogas formadas que atuam nessas turmas de Berçário, diário de campo e gravações das entrevistas realizadas com as docentes. Para dar início à minha pesquisa, entreguei a Carta de Anuência à gestora da Escola de Educação Infantil no dia agendado para conversar e explicar minha pesquisa. (Apêndice A).

Seguindo a pesquisa, apresento alguns dados da escola que serviu de campo para esta investigação. Primeiramente, destaco que escolhi tal escola por estar atuando nela como monitora e a relevância dada à Literatura nas turmas de Berçário também foi importantes para prosseguir. Além disso, encontrei muitas informações no Projeto Político-pedagógico – PPP – (2016) da escola: documento atualizado e que contém dados que auxiliariam minha pesquisa.

É também essencial lembrar que este estudo foi realizado em uma Escola Municipal de Educação Infantil localizada no município de Encantado. A EMEI em questão funciona 12 horas por dia, das 6h às 18h. Os profissionais que atuam na escola somam o total de 22 pessoas, entre cozinheiras, pessoal da limpeza, recreacionistas, monitoras, professoras, estagiárias e direção da escola.

A instituição de ensino foi construída recentemente e, conforme os padrões Proinfância, sua construção é iniciativa do governo federal que compreende creches e pré-escolas para crianças até cinco anos de idade, além de seguir o padrão arquitetônico definido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). O projeto leva em conta as

necessidades de desenvolvimento físico, psicossocial, intelectual e social dos estudantes na faixa de até cinco anos.

Segundo o PPP (2016) mencionado acima, os espaços físicos das instituições de Educação Infantil onde se desenvolvem atividades de cuidado e educação devem: priorizar o convívio das crianças, conter mobiliários e equipamentos adequados, garantir acesso a crianças com necessidades, disponibilizar brinquedos e jogos, oferecer espaço externo e ambiente em condições permanentes de higiene, saúde e segurança.

Ainda conforme o Projeto Político Pedagógico (2016), a escola atende atualmente alunos de 4 meses a 5 anos, divididos em 5 turmas:

Berçário A: 4 meses a 1 ano e 3 meses com capacidade para 24 alunos; Berçário B: 1 ano e 3 meses a 2 anos, com capacidade para 16 alunos; Maternal A: 2 anos a 3 anos com capacidade para 20 alunos; Maternal B: 3 anos a 4 anos com capacidade para 20 alunos; Pré: 4 anos a 5 anos com capacidade para 26 alunos (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2016, p. 8).

Consta ainda no mesmo documento, que a escola tem como objetivo proporcionar às crianças momentos alegres, prazerosos e de construção de conhecimento e múltiplas aprendizagens de modo que elas sejam capazes de adquirir saberes através de suas próprias descobertas com o auxílio das professoras, funcionárias, família e colegas. As famílias também se envolvem de forma harmoniosa e muito engajada nos projetos que a escola desenvolve, todos se disponibilizam a ajudar e a participar das propostas.

Após obter informações importantes sobre a turma em questão e a Escola de Educação Infantil, ainda destaco a rotina seguida pelas turmas pesquisadas. A primeira etapa da criança na educação infantil é um período marcado por grandes conquistas e inúmeras descobertas. Nesse sentido, é necessária a organização de uma rotina para o melhor funcionamento da turma e para aprendizagem das crianças. No trabalho com essa área tão delicada, que abarca bebês extremamente indefesos e que dependem totalmente de cuidados especiais, é fundamental compreender as necessidades de cada um, de forma a propiciar-lhes conforto e segurança.

As professoras dos Berçários onde a pesquisa foi realizada seguem uma rotina diária organizada por elas conforme as necessidades surgem. As duas

turmas (Berçário I e Berçário II) seguem os mesmos horários desde o acolhimento até o término da aula.

O acolhimento dos pequenos inicia às 6h15min da manhã. As crianças dormem mais ou menos até às 8h e às 8h30min é servido o café e feita a troca de fraldas, que acontece até às 9h. Em seguida inicia-se o momento de recreação, incluindo brincadeiras, contação de histórias, atividades de movimentação etc. Por volta das 10h30min é feita a 2ª troca de fralda, as crianças são postas nos carrinhos (BI) e sentam-se à mesa (BII) para fazer a segunda refeição. Às 11h dormem e acordam entre 13h e 13h45min.

À tarde, após acordarem, é feita a troca de fraldas e elas fazem o lanche às 14h. Entre as 14h30min e 15h30min fazem outras atividades com blocos, vão ao solário, os maiores brincam de motocas, brincam com sucatas e fazem toda parte pedagógica. Às 15h30min é feita a última troca de fraldas e às 16h jantam. Após a janta, os alunos do Berçário I dormem até o final da tarde e os do Berçário II assistem a desenhos animados, filmes, escutam música ou continuam brincando.

Para eu entender quais os melhores horários para observações e entrevistas foi essencial tomar conhecimento da rotina da turma. As observações feitas em horários distintos foram oportunas para complementar minha pesquisa, pois a cada dia e a cada horário observado os movimentos e percepções se modificaram.

Partindo para o relato da parte empírica da pesquisa, iniciei a coleta de dados do trabalho e observei diferentes momentos de aula durante a semana para conseguir perceber qual é a rotina da turma com os livros, se a literatura é explorada apenas em momentos específicos ou em várias situações. Essas observações fizeram uma grande diferença para minha pesquisa, pois a cada dia faziam-se novas descobertas, o que talvez não tivesse acontecido se eu observasse o mesmo horário durante toda semana.

A observação em sala de aula foi um instrumento importante para a produção de dados. A primeira etapa compreendeu observar as turmas dos Berçários – grupos com aproximadamente 15 crianças em cada sala de aula. Elas foram observadas durante cinco dias consecutivos, tendo em vista que cada observação teve a duração de uma hora, em horários diferentes, de modo que eu pudesse acompanhar vários momentos da rotina dos educandos.

Na primeira turma (Berçário I), fiz minhas observações às 7h no primeiro dia útil da semana, às 8h no segundo, às 9h no terceiro, às 10h no quarto e às 11h no quinto. Na segunda turma (Berçário II) observei às 13h do primeiro dia, às 14h do segundo, às 15h do terceiro, às 16h do quarto e às 17h do quinto.

No primeiro dia de observação na turma do Berçário I, fui recebida com desconfiança por parte das crianças, algumas eu já conhecia, outras não, mas passados alguns minutos foram se aproximando e tentando ver o que eu tinha em mãos, apoiaram-se nas minhas pernas, recebi alguns sorrisos, olhares duvidosos e logo passei a fazer parte do ambiente.

A assiduidade de grande parte das crianças de ambas as turmas facilitou minhas observações, pois pude reparar no comportamento de cada um deles diante dos livros. Observei na medida do possível o jeito de cada um pegar, de ouvir, de balbuciar, de falar e de interagir com o que estava sendo proposto.

No Berçário II, percebi que eu era vista como a professora, que convive com eles diariamente e não entendiam o porquê de em alguns momentos eu não estar envolvida com a atividade que estavam realizando e sim fazendo anotações, já que eu estava mais sentada e escrevendo enquanto as crianças se aproximavam e pediam o que eu estava fazendo. Como atuo há dois anos nesta turma e há um ano com as crianças do Berçário II pude perceber que a intimidade com os livros nasce através dos familiares também, alguns pais incentivam e contribuem para que a criança tenha mais contato com o livro.

As famílias das crianças sempre se mostraram muito interessadas em participar da vida escolar dos filhos, segundo a pedagoga da turma do Berçário I, bem como nas atividades propostas. Os projetos realizados ao longo do ano com a participação dos pais tiveram resultados positivos, pois se fosse necessário o envio de algum material ou mesmo quando era mandada para casa a sacola viajante, que era um projeto do Berçário II, os pais colaboravam significativamente, conta a professora.

Para eu obter resposta acerca de minhas inquietações sobre Literatura Infantil para bebês também usei o método da entrevista que me permitiu analisar como os professores estão aproximando a literatura das crianças desde seus primeiros anos de vida. Para isso, foi necessário ouvir as professoras das turmas pesquisadas, seus pontos de vista e os argumentos

que possuíam sobre o assunto. Sobre a entrevista, Britto e Ferres (2011) afirmam que ela desempenha um papel vital em um trabalho científico e que combinada com outros métodos de coleta de dados, intuições e percepções providas dela melhoram a qualidade de um levantamento de pesquisa e de sua interpretação.

Para este estudo, utilizei a entrevista semiestruturada (ver roteiro de entrevista no Apêndice B). Segundo Manzini (2003), as entrevistas são classificadas na literatura por entrevista estruturada, semiestruturada, e não estruturada. A entrevista não estruturada é conhecida como entrevista aberta ou não diretiva, a estruturada conhecida como entrevista diretiva ou entrevista fechada e a entrevista semiestruturada conhecida com semidiretiva ou semiaberta.

Para Manzini (2003), a entrevista semiestruturada foca em um assunto sobre o qual é proposto um roteiro com perguntas, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias recorrentes durante a entrevista. Esse tipo de entrevista pode fazer surgir informações livremente e as respostas não estão imbuídas da padronização de alternativas.

As entrevistas foram realizadas com duas professoras graduadas em Pedagogia, que atuam nas turmas do Berçário na Escola de Educação Infantil onde estou trabalhando, uma em cada sala de aula. Com relação ao método de coleta de dados, elas afirmaram ter conhecimento do que era uma entrevista semiestruturada quando solicitadas a participar da pesquisa.

Quanto às entrevistas, foram realizadas durante o intervalo das professoras, momento oportuno para seu acontecimento. Elas ocorreram em dois encontros em dias distintos e, durante o encontro, aproveitei para coletar a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice C), assinado pelas pedagogas entrevistadas.

Durante as entrevistas com as pedagogas, compreendi algumas coisas que não pude identificar enquanto eu observava as crianças, como a afinidade com os livros por parte das professoras. Ainda enfatizo que as entrevistadas compartilharam suas experiências e responderam as perguntas da entrevista de modo contagiante e colaborativo com o trabalho desenvolvido por mim. Também dividiram comigo suas ideias e impressões acerca da literatura com

carisma e suas reflexões contribuíram além do esperado para intensificar a pesquisa.

No capítulo a seguir, são apresentadas algumas falas das entrevistadas. Para melhor compreensão dos resultados da pesquisa, essas falas estão nomeadas como 'Entrevistada 1', para a pedagoga do Berçário I e 'Entrevistada 2', para a pedagoga do Berçário II.

Para obter mais dados durante o período em que a pesquisa foi realizada, utilizei um diário de campo a fim de tomar nota de questões do estudo e complementar informações quando os dados fossem analisados, sendo que ele serviu como suporte para a pesquisa. Sobre o diário de campo, pode-se afirmar que ele:

[...] consiste no registro completo e preciso das observações dos fatos concretos, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do profissional/investigador, suas reflexões e comentários. O diário de campo facilita criar o hábito de observar, descrever e refletir com atenção os acontecimentos do dia de trabalho, por essa condição ele é considerado um dos principais instrumentos científicos de observação e registro e ainda, uma importante fonte de informação para uma equipe de trabalho. Os fatos devem ser registrados no diário o quanto antes após o observado para garantir a fidedignidade do que se observa [...] (LEWGOY; REIDEL apud TRIVIÑOS, 1987).

O diário é também um instrumento de registros e, segundo Lewgoy e Reidel apud Triviños (1987), as anotações do diário de campo, sejam referentes à pesquisa ou aos processos de intervenção, podem ser compreendidas como o processo de coleta e análise de informações, ou seja, entenderiam descrições de fenômenos sociais, explicações levantadas sobre eles e a compreensão da situação em estudo.

Obviamente, não utilizarei todas as informações contidas no diário, mas ele foi importante para minha pesquisa, bem como para minha formação acadêmica, pois nele eu pude incluir ideias desenvolvidas, frases importantes, movimentos das crianças e ações diversas. Apontei no diário o que eu vi ao longo do meu processo de investigação, depois pude analisá-lo e estudá-lo para continuar o estudo.

Por fim, para a continuidade da pesquisa empírica analisei os dados obtidos mediante as observações, as entrevistas e o diário de campo. A partir das gravações, transcrevi as entrevistas e com o diário de campo explorado

darei ênfase à minha pesquisa. Com esses dados analisados e transcritos, os materiais farão parte da segunda etapa do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Nos próximos capítulos, o leitor acompanhará o desenvolvimento desta pesquisa, que apresenta a análise de dados a partir das observações, do diário de campo e das entrevistas com as professoras. É relevante esclarecer que toda vez que aparecer um dado da observação das aulas e do diário de campo junto às crianças estará destacado em *itálico* na escrita deste trabalho, enquanto o registro de entrevistas com as professoras estará em **negrito**. Essas estratégias de escrita têm como objetivo chamar a atenção do leitor para a inserção dos dados produzidos na pesquisa de campo.



## **4 A CRIANÇA E A LITERATURA INFANTIL**

Neste capítulo, pretendo prover uma breve discussão sobre a evolução histórica da concepção de infância diante da figura adulta, bem como discutir um pouco sobre a literatura infantil. A intenção aqui é compreender como a criança foi notada pelo adulto e como suas especificidades vieram a mudar com o passar do tempo. Para tanto, discorro sobre alguns autores, dentre eles Zilberman (1982) e Coelho (2000). Ainda discorro durante os próximos capítulos anotações relevantes do diário de campo, bem como falas das pedagogas entrevistadas. Este conteúdo agrega informações importantes ao longo do trabalho.

Ghiraldelli (2001) enfatiza que, quando Ariès fala em "descoberta da infância" muda a ideia de invenção da infância. Com Ariès, poderíamos estar pensando na infância como uma fase natural dos homens, mas que em certo momento seria encontrada por intelectuais, tratando-se então de fazer cada criança viver em condições específicas para que a infância pudesse decorrer da maneira como a natureza programou-a. Todavia, não é esse o intuito de Ariès: ele refere-se à noção de infância como algo que vai sendo montado inicialmente com novas formas de falar e sentir dos adultos em relação às crianças.

Depois de a infância ter ganhado significado e diante da preocupação com os livros, Zilberman (1982) diz que os primeiros escritos foram produzidos para as crianças no final do século XVII e durante o século XVIII. Não se escrevia para elas antes, pois a concepção de infância era inexistente.

A existência de uma faixa etária diferente aconteceu na Idade Média. Para Ariès (1981), sentimento é diferente de afeição: o sentimento corresponde à consciência de particularidade da infância. Essa distinção não existia, assim que a criança conseguisse viver sem dependência, ela ingressava na sociedade. Já, de acordo com Coelho (2000), a criança era vista como um mini adulto, cujo período de infantilidade deveria ser encurtado rapidamente. Daí a educação rígida e punitiva. Para tanto, a literatura paradigmática tentava levar o pequeno leitor a responsabilizar-se precocemente pelas atitudes vistas “adultas”.

Antes de se constituir um modelo familiar burguês, não existia uma consideração especial com a infância, crianças não eram notadas e nem seu mundo visto como um mundo separado. Os grandes e os pequenos partilhavam dos mesmos eventos e não havia laços de amor. Com a valorização da infância criou-se uma união na família, assim como nos meios de controle no desenvolvimento intelectual e a manipulação das emoções da criança (ZILBERMAN, 1982).

Coelho (2000) afirma que, diante do fato da criança ser tratada como um “miniadulto” ou “adulto em miniatura”, as leituras infantis já em seu princípio eram uma adaptação dos textos escritos para os adultos. Desde sua origem, a literatura era ligada ao aprendizado dos pequenos, assim sua matéria era adequada à compreensão e interesse deles.

Pensando na ideia de adaptação de livros para as crianças, destaco que ainda se faz uso dessa prática na atualidade, principalmente com o intuito de facilitar a compreensão das crianças, conforme podemos perceber nos registros do diário de campo:

*As professoras das turmas observadas relataram que adaptam os livros que estão disponíveis e o motivo da adaptação das histórias é sobre tudo poupar o tempo que é utilizado para contações, ou seja, contando a história de modo mais simples e menos esmiuçado, apenas visualizando as imagens, permite-se que o livro seja finalizado antes de alguma criança se dispersar. Dentre as formas de contar história e folhando alguns livros dei-me conta de que as turmas possuem histórias que diversificam a leitura, alguns clássicos,*

*outras de animais, outras sobre higiene, algumas histórias assustam as crianças, outras têm perigo, outras são delicadas.*

(DIÁRIO DE CAMPO, MARÇO DE 2018).

Ainda obtive mais um comentário sobre outras formas de contar histórias durante a entrevista realizada com a pedagoga:

**Entrevistada 2: Sim, nós contamos histórias de várias formas, com dedoches, fantoches, teatros, ou CD's de histórias, enquanto eles brincam, acabam interagindo com a história também, ou até mesmo as histórias inventadas, entre outras. Tudo isso se torna mágico e investigador para estimulação da literatura infantil.**

O livro permite às crianças vivenciar situações de fantasia, desejo, animação, assim como assumir postura crítica e extremamente relevante a sua formação cognitiva.

Seguindo uma caminhada histórica surgem os contos infantis nos séculos XVII e XVIII destinados aos adultos que os utilizariam para disciplinar os infantes. Entretanto, através do reconhecimento da criança, a literatura voltou-se também ao público menor. Com essa transformação histórica, surgiram indagações diante das pesquisas realizadas na época, para descobrir o que, de fato, havia originalmente em tais obras para que essa transformação acontecesse (COELHO, 2000). A esse respeito, surgiram questões referentes ao interesse das crianças pelos livros e também dúvidas como:

[...] por que certas obras passavam a interessar às crianças e outras não? Dentre os fatores que podem ser apontados como comuns às obras adultas que falavam (ou falam) às crianças, estão os da popularidade e da exemplaridade. Todas as que haviam transformado em clássicos da literatura infantil nasceram no meio popular (ou em meio culto e depois se popularizaram em adaptações). Portanto, antes de se perpetuarem como literatura infantil, foram literatura popular. Em todas elas havia a intenção de passar determinados valores e padrões a serem respeitados pela comunidade ou incorporados pelo indivíduo em seu comportamento. Mostram as pesquisas que a literatura inaugural nasceu no domínio do mito, da lenda, do maravilhoso (COELHO, 2000, p. 41).

Para Meireles (1979), uma simples questão de estilo, a princípio, parecia ser suficiente para a caracterização dos livros infantis: livros simples, fáceis, ao alcance das crianças, como se o mundo infantil fosse simples e concreto. Estilo que também correspondia ao conteúdo, fatos de que decorrem consequências ou ensinamentos que adultos considerem interessantes para eles. Em relação a esse assunto, é possível perceber nos registros do diário de campo a disponibilidade dos livros infantis para crianças. Vejamos:

*Percebo que os livros estão disponíveis para uso das crianças dos Berçários e ainda as pedagogas estão inovando nas maneiras de apresentar os livros para os bebês, uma das maneiras interessantes de levar a história para os bebês foi à história escutada, as professoras utilizam CD's com histórias de fácil compreensão para ouvirem durante uma brincadeira por exemplo, e durante a história as professoras fazem perguntas simples sobre o que está falando a voz vinda do aparelho de som.*

(DIÁRIO DE CAMPO, MARÇO DE 2018).

Sobre a temática destacada acima, durante a entrevista a pedagoga enfatizou o uso dos livros de tecido:

**Entrevistada 1: Na verdade a gente usa mais livros de tecido e os de plástico, pois eles põem na boca e são mais fácil de fazer a higienização destes.**

Quando questionei uma das pedagogas sobre o interesse dos bebês nos diversos livros apresentados, ela relatou o entusiasmo que percebe vindo deles quando vão ouvir uma história, principalmente por causa dos animais, como podemos perceber no seu depoimento abaixo:

**Entrevistada 2: Quando oferecemos livros ou alguma história a eles, podemos perceber o quanto eles ficam afoitos para ouvir a história e ver seus desenhos, o colorido do livro, até mesmo interpretando o som de algum animal. “Miau, miau, au, au.” Eles ficam bem felizes com isso.**

Também é importante destacar que atualmente os autores não são apenas adultos, é possível encontrar crianças que escrevem ou ilustram livros, já que a imaginação dos pequenos é fértil e engrandece o mundo literário. Eles não apenas brincam, correm e pulam, como também criam e entendem as histórias escritas ou contadas. Hoje, a tecnologia é uma aliada dos pequenos leitores, pois se presencia crianças assistindo a vídeos de histórias, lendo no celular, escrevendo no *tablet*, envolvendo-se à sua maneira nesse mundo fantástico.

Quanto ao uso da tecnologia para a contação de histórias, cada vez mais se veem crianças prontas a aprender diante de toda essa evolução tecnológica avançada. O meio tecnológico usado pelas professoras da escola pesquisada é o computador, pois há um disponível para uso das funcionárias. Podemos perceber tal questão nos registros do diário de campo:

*Deparei-me com pedagogas utilizando a internet para levar até crianças histórias diversificadas, através de impressões, slides, vídeos e na turma do Berçário I haviam figuras de papel pintadas e grudadas na parede, para as crianças terem contato frequente, então questionei o motivo delas estarem lá e onde foram buscadas. A pedagoga atuante na turma relatou que as imagens foram buscadas da internet de acordo com gostos e afinidades que as professoras notavam dos bebês quando eram contadas histórias, as figuras de animais estavam lá porque quando eles ouviam historinhas de bichinhos ficavam animados e demonstravam gostar, haviam também imagens de chupetas na parede, pois era algo familiar para eles segundo a pedagoga, ainda tinham algumas máscaras, pois era mês de fevereiro e estavam em clima de carnaval.*

(DIÁRIO DE CAMPO, MARÇO DE 2018).

Ao longo da entrevista realizada, uma das pedagogas fez um comentário sobre as imagens expostas na parede:

**Entrevistada 1: As imagens expostas são de histórias que a gente contou, ali elas ficam em destaque, eles podem passar a mão em cima e sentir a árvore, os animais, as cores, pois chamam bastante atenção as figuras e essa hora da história é mágica para eles.**

Ainda é possível destacar que, na vida acadêmica, professores afirmam e defendem a importância das histórias contadas de formas diferentes para os pequenos, seja com *Data Show*, com retroprojektor, com baús misteriosos, com gravações, entre outras possibilidades. Isso porque essas diferentes maneiras de se contar uma história é que engrandecem o repertório da literatura infantil utilizada por nós Pedagogas nas escolas para a educação. Os registros do diário de campo nos possibilitam refletir acerca deste assunto:

*Entre as diversas formas de contar histórias que presenciei durante as observações, a Bebeteca montada pelas professoras da turma do Berçário I se destacou como um método inovador de apresentar livros e histórias para os bebês. Pude vê-la apenas através de fotografias que uma das professoras mostrou-me, além de recordar de disciplinas da graduação que me permitiram mais conhecimento sobre Bebeteca.*

(DIÁRIO DE CAMPO, MARÇO DE 2018).

A Bebeteca tem como objetivo promover situações de leitura às crianças, que normalmente fazem pouco uso de livros ou não têm autonomia o suficiente para dominá-lo. Além disso, a Bebeteca promove uma troca de diversas leituras e podem participar do projeto as crianças, os professores e os pais que, caso queiram, podem ajudar através de mediações em casa com a literatura para os bebês.

Durante a entrevista realizada com a pedagoga e 'Entrevistada 1' ela fez questão de contar-me como foi a experiência vivenciada pela turma, conforme o relato abaixo:

**Entrevistada 1: É montada a Bebeteca com um tapete todo colorido, com almofadas coloridas, pufes, ali são colocados dezenas de livros, é**

**montada em um canto da sala, onde têm a piscina de bolinhas, os bebês enchem seus olhos, cada um pegando seu próprio livro e assim nós vamos contamos cada livro que foi escolhido pelos bebês.**

Uma das formas utilizadas pelas pedagogas para contar histórias para as crianças e que chamou a minha atenção durante as observações foram as histórias inventadas. É possível analisar tal questão no registro do diário de campo. Vejamos:

*Uma história inventada durante umas das trocas de fraldas, quando uma criança era higienizada e as outras estavam sentadas em um tapete e ouviam atentamente uma contação de história improvisada da professora que estava com eles. “Era uma vez criancinhas queridas que vinham felizes para escola, brincavam, comiam, pulavam e corriam pela sala...”. Este momento permitiu uma aproximação das crianças com a professora, pois além da história que estava interessando os bebês, ainda houveram trocas de afeto, através de carinhos, colo e trocas de sorriso uns com os outros.*

(DIÁRIO DE CAMPO, MARÇO DE 2018).

O registro acima nos mostra o quanto o momento de contação de histórias é uma forma de interação e criação de laços afetivos entre o adulto e a criança. Sobre a importância da interação com os alunos, defende-se a ideia de que:

[...] o ato pedagógico pode ser, então definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais tanto no nível do intrapessoal como no nível de influência do meio, interação esta que se configura numa ação exercida sobre os sujeitos ou grupos de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida. Presume-se aí, a interligação de três elementos: um agente (alguém, um grupo, etc.), uma mensagem transmitida (conteúdos, métodos, habilidades) e um educando (aluno, grupo de alunos, uma geração) (LIPMAN, 1994, p. 56).

Os professores podem criar uma situação de comunicação entre os alunos com um propósito educativo através de diversos meios e caminhos, de

acordo com cada situação. Para isso, faz-se necessário entender a real importância da contação de histórias na vida da criança desde sua fase inicial, mais especificamente na Educação Infantil, quando as práticas de trabalho com a leitura precisam ser desenvolvidas cotidianamente, fazendo com que as crianças aprendam desde pequenas que a contação estabelece relações de uns com os outros e com o meio no qual a criança está inserida.

Neste capítulo, foram abordados fatos sobre o livro ao longo dos anos, como surgiram e tornaram-se importantes para a construção de conhecimentos. Também, ele teve a intenção de enfatizar que, atualmente, a Literatura Infantil ainda permanece viva nas escolas, percebendo os bebês como potentes leitores mediante as práticas realizadas com eles pelas pedagogas.



## 5 A IMAGINAÇÃO E OS BEBÊS

O meu mundo de imaginação começou aproximadamente em 1998 quando minha companhia de todas as manhãs me contava histórias fantásticas para passar o tempo. Com aquela cuia de chimarrão em mãos e com pausas constantes, comecei a fantasiar diante das palavras que de sua boca saiam. Minha vó, sem livros, sem palavras escritas, sem nada em mãos, fazia-me viajar no mundo da imaginação.

Os contos eram da sua infância, do passado, da época em que eu estava vivendo, embora sempre estivesse imaginando estar presente no que eu ouvia. Ainda me lembro das histórias tristes que minha querida vó dividiu comigo, ela não sabe o impacto que causou em mim o fato de ouvir suas palavras e viajar em suas histórias.

Segundo Held (1980), a história adulta, por mais solta que seja, tem suas normas, estruturas ligadas aos hábitos, cânones culturais de uma determinada época e de uma determinada sociedade. Entre os povos antigos, com vivências distantes da nossa realidade, já se tentava agradar além das massas populares, hoje se tenta agradar as crianças. Pensando nisso, Coelho (2000) utiliza como exemplo a literatura folclórica ou obras clássicas da literatura infantil.

Fanny Abramovich, ao discorrer sobre seu livro “Literatura Infantil: gostosuras e bobices”, enfatiza as pessoas queridas que lhe dirigiam a palavra por meio de contos, causos, histórias de arrepiar, de cultura popular, com o imaginário, entre outras formas de contar história. (Giroto e Souza, 2016, p. 18).

A imaginação estava sempre enlaçada nas histórias contadas para os bebês, como podemos perceber nos registros do diário:

*Durante as observações realizadas na pesquisa de campo, percebi que o imaginário se fez presente durante uma contação de história na turma do Berçário I, entendi a importância de ter empolgação e ânimo para contar histórias para os bebês, a professora fazia caras e bocas, pulava, ia de um lado para o outro com o livro em mãos, fazia da história muito mais divertida do que era, aparentemente. Arrancava sorrisos das crianças, que arregalavam seus olhos para tentar entender o que aquela pessoa em sua frente estava contando.*

(DIÁRIO DE CAMPO, MARÇO DE 2018).

Eu mesma já tentei usar minha imaginação para contar histórias para minhas bonecas quando pequena, mas eu, diferente da minha vó, queria um livro para criar minha história e entrar em meu mundo imaginário já criado. “Era uma vez num reino distante...”, essa seria a fórmula mágica que despertaria ao leitor ou ouvinte as portas de um mundo diferente, um mundo que atrai e intimida.

A partir das palavras de encantamento dessa fórmula, as relações entre o real e o irreal são rompidas e tudo o que acontece no plano de ações, por mais incrível que pareça, torna-se inacreditável: animais falam, desejos realizam-se, abóboras transformam-se em carruagens, casas de doces aparecem, príncipes encantados existem (SILVA, 2008). Para complementar essa ideia estabelece-se a seguinte questão:

[...] quem não lembra o fascínio, e também o medo, que sentia ao ouvir essas histórias na infância? Lidas em livros, com fidelidade às suas origens europeias, ou contadas com adaptações tropicais (o ossinho de galinha, que aliviava o peso de João, transformado em rabo de lagartixa, numa versão nordestina; ou a fada madrinha Borracheira substituída por uma vaca madrinha, numa versão Goiana; ou, ainda, a menina que visita a avó, em lugar de capa ou chapéu, com uma sombrinha vermelha, numa versão carioca), as histórias da Bela Adormecida, de Chapeuzinho Vermelho, do Pequeno Polegar, do Gato de Botas, de João e Maria, da Gata Borracheira e tantas outras vêm seduzindo a imaginação das crianças ao longo dos séculos (SILVA, 2008, p. 68).

As histórias de fadas contêm, em sua trama, significados manifestos e incógnitos, com capacidade de falar simultaneamente a todos os níveis da personalidade do homem. Tendo em vista esse fato, essas histórias podem falar tanto às crianças como aos jovens e adultos e, por possuírem linguagem marcadamente simbólica, estabelecem o contato sem inserir o pensamento lógico.

Silva (2008) levanta um importante questionamento: afinal o que faz do texto uma “história de fadas”? Embora pareça contraditório, não é a presença de fadas na história, elas podem ou não se fazer presentes no relato. Esses textos, diz Silva (2008), criados pela imaginação conjunta e representados na oralidade durante séculos, chegaram a nós por meio de Perrault, na França, dos irmãos Grimm, na Alemanha e também de outros autores.

Conforme Silva (2008), o que há de mais construtivo nos contos de fadas são as fórmulas de abertura e fechamento. “Era uma vez, num reino distante” e “eles viveram felizes para sempre”. Percebe-se que os contos de fadas vão se apagando, os clássicos vão desaparecendo em meio aos livros recentes oferecidos aos leitores, a escrita moderna toma conta das histórias, que fazem pouco uso da imaginação e são embasadas em fatos mais corriqueiros. Ainda, é possível dizer que:

[...] personagens e situações dessas antigas narrativas também podem ser reconhecidas a cada noite nas novelas da televisão, essa máquina que tomou o lugar dos contadores de histórias das sociedades mais antigas. Nesses folhetins vemos numerosas borralheiras em processo de ascensão social, diversos Joões bobos realizando tarefas acima de suas forças, muitos trapaceiros ludibriando incautos, assim como intocáveis lobos disfarçando o negror das patas com farinha. Vemos o fraco vencer o forte, e o bem sobrepujar o mal. E, sobretudo, compartilhamos com o herói a esperança e o alívio de um final feliz, em gloriosas cenas finais, que incluem reconciliação e casamento, além, é claro, da punição dos vilões (SILVA, 2008, p. 72).

Atualmente, castelos e palácios deram lugar a apartamentos, rainhas e reis resistem apenas em cartas de baralho, lobos estão sendo extintos, caçadas e caçadores deixaram de ser politicamente corretos e moças não sabem mais fiar, tecer ou bordar (SILVA, 2008). Lembro-me bem das crianças na Hora do Conto, de quando eu lhes apresentava histórias menos realistas,

situações mais fantasiosas apareciam nas histórias e elas deixavam à mostra a face duvidosa, com a testa enrugada e com certa desconfiança do que eu lia. Os menores ainda queriam brincar com os livros, imaginando que eram “professorezinhos” que contavam as histórias para seus alunos.

Para Coelho (2000), na faixa etária dos 8/9 anos da criança o texto começa a ter mais presença, pois ela começa a interagir assim com suas ilustrações. A criança mistura situações objetivas do seu dia a dia para criar, envolvendo sentimentos, emoções, ideias, desejos e impulsos.

As situações de leitura precisam existir e, segundo Girotto e Souza (2016), é necessário diversificar não apenas os textos que são dados a ler, mas as práticas leitoras. Há ocasiões em que as crianças parecem apáticas às propostas de leitura, mas é preciso que os pequenos tenham acesso a ela e assim podendo escolher vivenciá-la ou não.

A presença do adulto é essencial na orientação para a brincadeira com os livros e a descoberta do mundo concreto e do mundo da linguagem é feita através das atividades lúdicas. O que acontece ao redor da criança é sempre importante e significativo. Livros adequados a essa fase devem propor vivências do cotidiano da criança (COELHO, 2000).

Abramovich (1994) destaca que não é de hoje que editoras dispõem nas estantes das livrarias de todo o mundo publicações totalmente sem texto, com narrativa apenas visual, em que a história é contada através de desenhos ou fotos, mas sem qualquer palavra. Existem também livros em que as coisas se movem, outros com partes recortadas, permitindo formar figuras novas e cenários diversificados. Percebi isso durante algumas vezes em que folhei os livros dispostos nas turmas e analisei suas figuras. Sobre tal fato, destaco que:

*Deparei-me com muitos livros sem escrita durante minhas observações nos Berçários, inclusive destaco que alguns destes livros possuíam animais ou objetos de difícil compreensão dos bebês, como é o caso do livro que havia um gato, parecido com coelho. Quando uma das professoras pegou o livro, que era de pano e começou a dizer o nome das figuras: bola, carrinho, balão... ao chegar neste animal ficou confuso até mesmo para ela identificar o que estava representando a figura.*

(DIÁRIO DE CAMPO, MARÇO DE 2018).

Quando se trata de crianças muito pequenas, existem riscos de as obras e textos serem mutilados, pois para eles fica mais difícil reconstruírem sozinhos contextos ou fragmentos que tornem a obra coerente e com sentido. (GIROTTI; SOUZA, 2016)

Diante da interação dos bebês com os livros ditos “diferentes”, ainda relevo a importância deles como incentivadores do gosto pela literatura. Existe o livro que vai sendo aberto devagarinho, levantando página por página e fixando-a no chão, até que se forme algo inteiro e grandão. (ABRAMOVICH, 1994, p.26)

Pensando em espaços que possibilitem o interesse literário voltado aos bebês, Horn (2017) afirma que a organização do ambiente precisa dar conta das necessidades de movimentação, interação física, aconchego e segurança proporcionados pelo adulto. Por exemplo, a escolha dos livros dispostos, bem como o ambiente da sala de aula deverá obedecer a critérios relativos à faixa etária, materiais atraentes e compatíveis com a idade das crianças. A partir da escrita do diário de campo, nota-se que:

*Na primeira turma observada, Berçário I, o ambiente era mais convidativo e aconchegante para os bebês em relação à literatura, os livros apesar de estarem em uma prateleira alta, estavam visíveis e ainda tinham as figuras coladas na parede que destacavam aquela sala, havia um barco emborrachado disposto no chão com livros dentro, era interessante reparar nas crianças saindo e entrando daquele barco arrastando livros, passando para os colegas ou até mesmo sentados dentro olhando um livro que aparentava ser tão bonito, tão atrativo para eles.*

(DIÁRIO DE CAMPO, MARÇO DE 2018).

Horn (2017) enfatiza que crianças menores desenvolvem-se associando, gradualmente, a memória de situações aos espaços e materiais em que elas acontecem, porque eles servem como mediações externas para ações de crianças. Uma estante com livros e tapete, por exemplo, onde a criança possa sentar-se e folheá-los, canaliza as ações infantis para a interação com o literário, além de tornar-se fundamental para o faz de conta das crianças. Elas

criam um enredo imaginário conciliado por objetos, fantasias, barulhos, etc., e assim assumem personagens.

Além disso, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2010) preveem que

[...] o documento que norteia e estabelece os princípios para a educação infantil no Brasil é o Parecer CNE/CEB nº 20/09 (BRASIL, 2009), que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs). Esse documento destaca que a organização dos espaços e dos materiais deverá prever estruturas que facilitem a interação das crianças, permitindo-lhes construir sua cultura de pares. Destaca, ainda, que é indispensável o contato com a diversidade de produtos culturais (livros de literatura, brinquedos, objetos e outros materiais), com manifestações artísticas e com elementos da natureza (HORN, 2017, p. 23).

Na faixa etária de 0 a 2 anos, nos berçários, os espaços giram em torno de quatro princípios importantes: proporcionar um ambiente organizado e flexível; assegurar conforto e segurança, propondo desafios; interação com as diferentes linguagens e proporcionar comodidade às crianças (HORN, 2017, p. 41). Partindo desse ponto de vista, é importante ressaltar que nem todas as crianças locomovem-se com facilidade nessa faixa etária, portanto os materiais ou livros dispostos devem propiciar interação e propulsar novos conhecimentos a todo grupo de crianças com ajuda do profissional se necessário. Há também a possibilidade de dispor livros de pano, de papel e de borracha.

Percebe-se, ainda, que as crianças menores levam os livros à boca, sejam eles de qualquer material, pois é uma forma de se familiarizarem com o material e terem um contato mais direto. Existem livros que possuem um mordedor pendurado, o que facilita o processo da criança de conhecer o livro através da boca. Destaco no registro do diário que:

*Na turma Berçário I, a maior parte dos livros continha um mordedor, nesta turma eles realmente usavam para por na boca, no Berçário II, o mordedor servia como alças de bolsas na imaginação deles, carregavam os livros pra lá e pra cá, dizendo que iam passear. Ainda percebi o entusiasmo das crianças com os livros que possuíam mordedores junto, eles olhavam o livro e colocavam na boca, saciavam o desejo de morder algo e olhavam a história ao mesmo tempo.*

(DIÁRIO DE CAMPO, MARÇO DE 2018).

Além do já dito acima, é interessante salientar que alguns exemplos de como trabalhar a literatura e a imaginação com crianças menores podem ser: painéis de tecido para guardar pertences e possibilitar que a criança tenha contato, caixas forradas de diversas cores e tamanhos com aberturas de formas diversas e que despertem curiosidade e móveis com rodas e diversas divisórias, para guardar os livros, revistas e papéis. Diante do aqui mencionado, destaco ainda a escrita registrada em meu diário:

*Um utensílio de tecido onde ficam alguns livros na altura das crianças estava disposto nos primeiros dias no Berçário II, mas como o material foi rasgado ao longo da semana, foi retirado para conserto. Ali as crianças pegavam os livros, tentavam por de volta, puxavam o tecido e interagiam bastante com o material.*

(DIÁRIO DE CAMPO, MARÇO DE 2018).

Em suma, percebemos neste capítulo que a imaginação e a forma como a literatura é exposta no cotidiano das crianças são de imensa importância para agregar magia e engrandecer situações vivenciadas pelos infantes, porque a literatura unida à imaginação torna possíveis os sonhos, os medos, as angústias, isto é, através da imaginação as emoções ficam mais lúcidas. Ainda, é de grande importância dizer que a escola também exerce papel importante nessa caminhada, à medida que se dissemina a ideia de tornar os livros parte de uma rotina, aumentam as possibilidades das crianças obterem gosto por eles, tornando as experiências do mundo imaginário possíveis no mundo real.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Motivada pelas disciplinas cursadas durante a graduação em Pedagogia e também por uma curiosidade natural desenvolvida ao longo de meu período como profissional atuante na Educação Infantil e em bibliotecas, surgiu a curiosidade de investigar como a literatura infantil é trabalhada no Berçário, envolvendo crianças da faixa etária de 1 e 2 anos de idade. Diante dos capítulos construídos neste trabalho e a fim de responder o problema de pesquisa, aprofundei o trabalho buscando entender o desejo e o interesse das crianças pela Literatura Infantil ao observar as estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores para levar a Literatura à sala de aula.

No decorrer da pesquisa foi possível argumentar em favor da Literatura Infantil com bebês e também sobre suas diversas possibilidades. Há quem diga que os profissionais da educação precisam dedicar-se à contação de histórias para as crianças na faixa etária da pré-escola. Prova disso é que, durante todo o período de realização desta pesquisa, pude constatar o quanto é importante para o desenvolvimento dos bebês o trabalho com a literatura infantil. Para discorrer sobre esse tema utilizei alguns teóricos cujos estudos dialogam com meu trabalho, tais como Coelho (2000), Silva (2008) e Meireles (1979), entre outros.

Refletir sobre minhas relações com os livros na trajetória como educadora e, posteriormente, utilizar o livro em sala de aula reavivou minhas lembranças e memórias da infância, pois a literatura sempre se fez presente em minha vida, graças à minha avó.

Além disso, busquei conhecer mais sobre a literatura infantil, estudar seus aspectos mais relevantes, relacionando-os diretamente com as



estratégias utilizadas em sala de aula. A pesquisa permitiu-me entender que a literatura ainda está viva na sala de aula e faz parte do dia a dia dos bebês. Acredito, ainda, que além de merecer um olhar especial, “[...] a literatura comove, instiga a reflexão, reanima ideias e desejos, colocando o leitor em posição de fazer interagir o que lê com o que vive” (YUNES, 1998, apud FILHO, 1998, contracapa).

A contação de histórias é visivelmente agradável para as crianças, os olhares, os sons, a interação de quem conta e de quem ouve a história ficaram marcados na minha memória. Cabe ressaltar que cada movimento em torno do livro foi visivelmente válido para os bebês que atentamente observavam-no durante a contação da pedagoga, sendo importantes também os inúmeros tipos de história e as múltiplas maneiras que cativaram sorrisos e provocaram a imaginação dos pequenos.

Levando em consideração todo o dito neste trabalho, destaco ainda que as pedagogas se sentiram entusiasmadas com a minha pesquisa. Principalmente quando compreenderam que fiz a escolha das turmas por perceber que os livros faziam parte daquelas salas de aula, do cotidiano dos alunos e pais.

Ao longo da minha pesquisa, o resultado de cada contação de história era diferente, nem todos os bebês internalizavam o momento da leitura, algumas vezes todos participavam, outros dias não. A participação foi aleatória tanto por parte das crianças, como das pedagogas, que variavam o ânimo, o carisma e a empolgação ao ler.

Esse trabalho pôde contribuir para minha formação como professora e espero que a auxiliar quem o ler também, principalmente no sentido de qualificar as práticas de ensino em que se torna cada vez mais necessário estarmos aprimorados, sabendo que não temos cursos de graduação específicos para qualificar o trabalho com a literatura infantil. Nesses casos, a formação continuada é a alternativa para superar tais lacunas que envolvem as práticas de literatura infantil com bebês, além da colaboração das pedagogas envolvidas pelo meio literário.

Cada personagem, cada desenho, cada página despertou prazer e emoção nas crianças ouvintes, assim como em mim pesquisadora, pois é a imaginação que as pedagogas demonstravam usar em cada palavra dita a partir

do livro. Pude, ainda, engrandecer meu repertório literário e as formas de utilizar o livro para aprendizagem dos bebês.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: Gostosuras e bobices. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1981.

BENTO, António V. Investigação quantitativa e qualitativa: Dicotomia ou complementaridade? **Revista JA**, n. 64, ano VII, abr. 2012, p. 40-43.  
Disponível em:  
<<http://www3.uma.pt/bento/Repositorio/Investigacaoqualequan.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 2010. Disponível em:  
<[http://www.siteal.iipe.unesco.org/sites/default/files/bra-\\_educacion\\_infantil.pdf](http://www.siteal.iipe.unesco.org/sites/default/files/bra-_educacion_infantil.pdf)>. Acesso em: 04 nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer de 09 de dezembro de 2009**. Brasília: MEC/CNE, 2009. Disponível em:  
<[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb020\\_09.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb020_09.pdf)>. Acesso em: 04 nov. 2017.

BRITTO, Álvaro Francisco. FERES, Nazir. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. **Evidência**, v. 7, n. 7, Araxá, p. 237-250, 2011.  
Disponível em:  
<<http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/200/186>>. Acesso em: 21 out. 2017.

BRONOWSKI, Jacob. **As origens do conhecimento e da imaginação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**: história, teoria, análise. São Paulo: Quíron, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: Teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

GHIRALDELLI, Paulo Jr. As concepções de infância e as teorias educacionais modernas e contemporâneas. **Educação**, v. 26, n. 2, Santa Maria, p. 23-33, jul./dez. 2001. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3680/2078>>. Acesso em: 20 out. 2017.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: As crianças e a literatura fantástica**. São Paulo: Summus, 1980.

HORN, Maria da Graça Souza. **Brincar e interagir nos espaços da escola infantil**. Porto Alegre: Penso, 2017.

LEWGOY, Alzira Maria Baptista. REIDEL, Tatiana. Diário de Campo: O que é? Para que se serve? Como elaborar? **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/psicologia/graduacao/servico-social/comgrad/comissao-de-estagios/DiariodecampoModelo.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2017.

LIPMAN, M. **A filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos, v. 2, Bauru, 2004. **Anais...** Bauru: USC, 2004. Disponível em: <[https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini\\_2004\\_entrevista\\_semi-estruturada.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf)>. Acesso em: 28 out. 2017.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente e TRIVIÑOS, Augusto S. (Org). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL LAGO AZUL. **Projeto político Pedagógico**. Encantado: Lago Azul, 2016.

ROMANO, Patrícia Aparecida Beraldo. Monteiro Lobato: Um escritor a ser descoberto na sala de aula. **Revista EntreLetras**, n. 1, Araguaína, 2010/II, p. 209-221. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/1077/594>>. Acesso em: 30 set. 2017.

SANTOS, Polyana Fernandes Pereira dos, OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes de. A literatura infantil na educação infantil. **Revista Científica do ITPAC**, v. 5, n. 2, Araguaína, abr. 2012. Disponível em: <<https://www.itpac.br/arquivos/Revista/52/5.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2017.

SERRA, Elisabeth D'Angelo. **30 anos de literatura para crianças e jovens: Algumas leituras**. São Paulo: Mercado de Letras: 1998.

SERRA, Elisabeth D'Angelo. **Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Global, 2001.

SILVA, Vera Maria Tieztmann. **Literatura Infantil Brasileira**: Um guia para professores e promotores da leitura. Goiânia: Cânone, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1982.

GIROTTTO, Cyntia Graziella G. Simões. SOUZA, Renata Junqueira de. (orgs.). **Literatura e educação infantil**: livros, imagens e prática de leitura. São Paulo: Mercado de Letras, 2016.

## APÊNDICE A – Carta de anuência

Eu, \_\_\_\_\_, na condição de Diretora desta Instituição Escolar, aceito que a aluna Suelen dos Passos do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari - Univates, sob a orientação da Professora Dra. Cláudia Inês Horn desenvolva sua pesquisa intitulada “Literatura Infantil para Bebês: O mundo do era uma vez” coletando dados neste estabelecimento educacional. Esta pesquisa tem como objetivo de investigar como a literatura infantil é trabalhada no Berçário, envolvendo crianças da faixa etária de 1 e 2 anos de idade.

A metodologia da pesquisa envolverá observações em duas turmas e coleta e análise de entrevistas com duas professoras da escola, que atuam nas turmas de Berçário. Estes registros serão divulgados e publicados no trabalho, garantido o sigilo nominal e a não identificação da escola, dos professores e das crianças envolvidas.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão usados nesta pesquisa, concordo em autorizar a estudante e pesquisadora a ter acesso às observações nas turmas e entrevistar as professoras, desde que seja assegurado o que segue abaixo:

- 1) O cumprimento das determinações éticas na pesquisa em Educação;
- 2) A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- 3) Que não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação nessa pesquisa;
- 4) No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

Lajeado, março de 2018.

---

(assinatura/carimbo da Direção da Escola)

## **APÊNDICE B - Roteiro de entrevista com as professoras**

Nome: \_\_\_\_\_

1 - Você acredita que a literatura deve integrar o trabalho desenvolvido com bebês? Por quê?

2 - Como você percebe o interesse dos bebês frente aos livros infantis?

3 - Como os livros são oferecidos às crianças na sua sala de aula?

4 - Você usa alguma estratégia com as crianças para estimular o contato com a literatura? Quais?

Realizarei os registros da entrevista com o auxílio de um gravador de voz, dessa maneira conseguirei reproduzir com mais precisão as respostas.

## **APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE**

Prezado (a) Professor (a) da Escola,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “Literatura Infantil para Bebês: O mundo do era uma vez”, desenvolvida pela aluna Suelen dos Passos do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari - Univates, sob orientação da Professora Dra. Cláudia Inês Horn. Esta pesquisa tem como objetivo Investigar como a literatura infantil é trabalhada no Berçário, envolvendo crianças da faixa etária de 1 e 2 anos de idade.

A metodologia da pesquisa envolverá observações em turmas e a coleta e análise de entrevistas com duas professoras da escola, que atuam nas turmas de Berçário. Estes registros serão divulgados e publicados no trabalho, garantido o sigilo nominal e a não identificação da escola, dos professores e das crianças envolvidas.

Desta forma, assumo com você os seguintes compromissos:

1. De que sua identidade, assim como as identidades de todas (os) as(os) participantes serão mantidas em sigilo; de que nenhuma pessoa será identificada e que se manterá o anonimato, das(os) participantes, em quaisquer momentos que impliquem a divulgação dessa pesquisa.
2. De que as informações reunidas serão usadas, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa e dos trabalhos científicos que dela poderão se desdobrar.
3. De que os resultados lhe serão apresentados, pois esse retorno permitirá que você tome ciência das informações produzidas durante a pesquisa, assim como assegurará que tais informações não serão utilizadas em prejuízo ou para a estigmatização das pessoas envolvidas.
4. Do caráter voluntário de seu consentimento. Caso você tenha interesse em desistir da participação na pesquisa, isso poderá ser feito em qualquer fase do grupo focal, sem penalização alguma.
5. Da garantia de que você pode receber respostas a qualquer momento sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa, por meio de e-mail: [suelendospassos22@gmail.com](mailto:suelendospassos22@gmail.com) ou pelo telefone (51) 992392267.



6. De que você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

7. Este Termo será assinado em duas vias, ficando uma em seu poder e a outra com a pesquisadora responsável.

Portanto, na condição de PROFESSOR (a), concordo com as observações que serão realizadas na turma e irei colaborar com a entrevista, autorizo a utilização das observações e entrevistas para realização da pesquisa. Estou ciente de que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados, por isso autorizo a divulgação para fins exclusivos de publicação, divulgação científica e para atividades formativas de educadores.

Lajeado, \_\_\_\_\_ de 2018.

Nome do Participante:

---

Assinatura do Participante:

Nome da Pesquisadora:

---

Assinatura da Pesquisadora: